

Mahatma Gandhi a coragem da não-violência

Gandhi com Mohammad Ali

Jinnah, líder da Liga Muçulmana (1944).

Eu visitava Raj Ghat, onde Mahatma Gandhi, o Pai da Independência da Índia, foi cremado. Em algum lugar, um pássaro cantava. Havia uma floresta próxima e esquilos corriam entre as moitas verdejantes. O terreno era espaçoso, um verdadeiro santuário da não-violência.

Ofereci flores diante da plataforma de pedra negra que constitui o memorial Gandhi. Inclinei minha cabeça em reverência.

Refletia sobre o brilhante espírito de Gandhi. Pensava em sua incessante luta para extinguir as chamas do ódio com a água extraída das puras fontes do amor pela humanidade. E pensava o quanto ele estava sozinho em sua busca.

"Gandhi nos diz para não retaliar os muçulmanos! Como ele pode ficar ao lado deles? De forma alguma! Eles mataram minha família, mataram meu filho de cinco anos!"

"Ele nos diz para suportarmos os ataques dos hindus? Ridículo! Será que ele sabe o que nós, muçulmanos, passamos durante todos esses anos? Afinal, Gandhi também é hindu, não é?"

O idoso sábio ia a todos os lugares, onde quer que hindus e muçulmanos estivessem atolados em ciclos de conflitos e vinganças manchados de sangue. Ele clamava para que parassem com a matança. Mas as pessoas, enlouquecidas pelo ódio, não o ouviam. Diziam para que fosse embora, chamando suas tentativas de reconciliação de hipócritas ou coisa pior. Queriam saber de que lado Gandhi estava.

Mas ele não estava de nenhum lado. E ao mesmo tempo, estava dos dois lados. Para ele, as pessoas eram irmãos e irmãs. Como poderia ficar quieto, uma testemunha silenciosa da matança? Gandhi declarou que gostaria de ser cortado em dois se era isso o que as pessoas queriam, mas não queria que a Índia fosse cortada em duas partes. Ele queria saber que bem traria o ódio. Se o ódio fosse retribuído com ódio, apenas se tornaria mais enraizado e propagado.

Suponha que alguém coloque fogo em sua casa e você se vingue colocando fogo na casa dessa pessoa. Logo, toda a cidade ficará em chamas! Incendiar a casa do atacante não traz de volta sua casa. Violência não resolve nada. Represálias apenas ferem a si próprio. Mas não importava a urgência com que Gandhi clamava para que as pessoas ouvissem a razão, as chamas do ódio já assolavam. Contra o solitário Gandhi, muitas pessoas ataçavam as chamas.

No dia 20 de janeiro de 1948 - dez dias antes de ser assassinado - uma bomba caseira foi lançada diante de Gandhi que participava de um encontro. Esse ato terrorista foi cometido por um jovem hindu. Felizmente, a bomba errou o alvo e Gandhi sobreviveu.

O jovem foi preso. No dia seguinte, vários adeptos da religião sikh foram até Gandhi e lhe asseguraram que o culpado não era um sikh. Gandhi os repreendeu, dizendo que não importava para

ele se o terrorista era um sikh, um hindu ou um muçulmano. Quem quer que fosse o culpado, disse Gandhi, ele lhe desejava bem.

Gandhi explicou que o jovem foi ensinado a pensar que ele era um inimigo da causa hindu e que o ódio havia sido implantado em seu coração. O jovem acreditava no que lhe havia sido ensinado e estava tão desesperado, tão privado de qualquer esperança, que a violência lhe parecia a única alternativa. Gandhi apenas sentia pena do jovem. Ele até mesmo pediu ao chefe de polícia que não ferisse o terrorista, mas que fizesse todos os esforços para convertê-lo aos pensamentos e ações corretas.

A luta real do século XXI não será entre as civilizações nem entre as religiões. Será entre a violência e a não-violência.

Essa era sua maneira de agir sempre. Ninguém detestava a violência mais do que Gandhi. Ao mesmo tempo, ninguém sabia mais profundamente que a violência somente pode ser contida com a não-violência. Assim como o fogo é combatido pela água, o ódio somente pode ser derrotado pelo amor e pela benevolência. Alguns criticaram Gandhi por parecer proteger o terrorista. Outros zombaram de sua convicção, chamando-a de sentimental e de não realista, uma visão vazia. Gandhi estava sozinho. Muitos reverenciavam seu nome, mas poucos realmente partilhavam sua crença. Para Gandhi, a não-violência significava um amor abundante por toda a humanidade, um modo de vida que emanava do âmago de seu ser. Ela tornava a vida possível; sem ela, ele não poderia viver um único momento. Mas, para muitos de seus seguidores, a não-violência era simplesmente uma estratégia política, uma tática para conquistar a independência da Índia.

Gandhi estava sozinho.

Quanto mais sinceramente ele perseguia suas crenças religiosas, mais profundamente seu amor pela humanidade se desenvolvia. Esse amor tornava cada vez mais impossível para ele ignorar as realidades políticas que moldavam a vida do povo. Ao mesmo tempo, o contato com essas realidades políticas fortalecia sua convicção de que nada era mais essencial do que o amor pela humanidade que a fé religiosa pode inspirar.

Porém, isso o colocava numa posição de ser tanto denunciado pelas figuras religiosas - que viam seu envolvimento no mundo maculado da política como guiado por ambições pessoais, - quanto pelos líderes políticos, que o consideravam ignorante e ingênuo. Como ele trilhava pelo caminho do meio, o verdadeiro caminho da humanidade que busca conciliar as contradições aparentes, suas crenças e ações pareciam equivocadas para aqueles nos extremos.

Enquanto negociava com o governo britânico em Londres, Gandhi excursionou pela Inglaterra e encontrou-se com trabalhadores do ramo têxtil em Lancashire (1931).

O século XX foi um século de guerras, um século no qual centenas de milhões de pessoas morreram de forma violenta. Na nova era do século XXI, a humanidade deve ser conduzida pelo princípio dominante de que matar jamais pode ser aceito ou justificado, sob quaisquer circunstâncias. A menos que compreendamos isso, a menos que promovamos amplamente e implantemos profundamente a compreensão de que a violência jamais pode ser usada para defender as crenças de um indivíduo, não teremos aprendido nada das amargas lições do século XX.

A luta real do século XXI não será entre as civilizações nem entre as religiões. Será entre a violência e a não-violência. Será entre a barbaridade e a civilização no verdadeiro sentido da palavra.

Há mais de meio século, Gandhi procurou quebrar o ciclo de violência e represália. O que nos distingue das feras, disse ele, é nosso contínuo empenho pelo desenvolvimento moral. Gandhi

afirmou que a humanidade está numa encruzilhada e deve escolher entre a violência (a lei das selvas) e a não-violência (a lei da humanidade).

Sempre é preciso coragem para transformar o mal no bem. Agora é a época para cada um de nós manifestar essa coragem: a coragem da não-violência, a coragem do diálogo, a coragem de ouvir o que não queremos ouvir, a coragem de refrear o desejo de vingança e de ser guiado pela razão.

A violência nasce de um espírito ferido: um espírito consumido pelas chamas da vingança; um espírito desgastado e paralisado pela frustração da fraqueza; um espírito ressecado pela ausência do significado da vida; um espírito contraído e diminuído por sentimentos de inferioridade. O ódio resultante da autoestima ferida e da humilhação irrompe como violência. Uma cultura de violência, que se delicia em esmagar e forçar outros à submissão, propaga-se por toda a sociedade e geralmente é amplificada pela mídia. O líder dos direitos civis americanos, Dr. Martin Luther King Jr., foi um discípulo da filosofia de Gandhi. Ele declarava que uma pessoa com o espírito em tumulto não pode praticar verdadeiramente a não-violência. É minha esperança que a luz da Índia - um país conhecido no Oriente desde os tempos antigos como a "terra do luar" - ajude a propagar o espírito da paz, assim como os frescos raios da lua trazem um alívio refrescante ao enlouquecedor calor do dia. De um coração curado e pacífico, nasce a humildade; da humildade, um desejo de ouvir os outros; desse desejo, a compreensão mútua, e dela, uma sociedade pacífica.

A não-violência é a mais elevada forma de humildade, é a suprema coragem. A essência dos ensinamentos de Gandhi era não temer. O Mahatma pensava que "os fortes jamais são vingativos" e que o diálogo somente pode ser conduzido pelos bravos.